

Será só alienação?

GONZAGA MOTTA
Colaborador

Em quem votará a juventude de Brasília nas eleições de 15 de novembro? Ela certamente não votará no Partido da Juventude que apesar de ter a simpatia de 6% dos eleitores entre 18 e 25 anos, não tem nenhum candidato com apelo suficiente para sensibilizar os jovens dessa faixa etária, de acordo com a última pesquisa da LPM no Distrito Federal.

De acordo com a mesma pesquisa, é nesta faixa etária que se concentra o maior contingente de eleitores indecisos para a Câmara: cinquenta por cento deles não havia escolhido ainda o seu candidato, um percentual elevado e bem superior aos 42.6% do total de eleitores que não haviam escolhido o seu candidato. Mesmo na Universidade de Brasília, onde se supõe que os jovens são mais politizados, uma pesquisa revelou que 33.3% não sabiam em que partido votariam e 17% declararam que não votariam em nenhum partido. Ou seja, mais de cinquenta por cento não haviam se sensibilizado para as eleições de 15 de novembro. Isto provavelmente significa que o jovem brasileiro, mais do que outras faixas etárias da população, ainda não se interessou pela política da cidade.

O fenômeno do desinteresse da juventude para a política partidária tradicional não é novo nem é privilégio da juventude

brasiliense, mas se reflete com muita intensidade aqui. Há dois anos o DCE da Universidade de Brasília não consegue eleger sua diretoria por absoluta falta de quorum. Os estudantes simplesmente não aparecem para votar.

A recente pesquisa da UnB revelou que só dezoito por cento do total de 9.200 alunos souberam definir minimamente o que é uma Assembleia Nacional Constituinte, demonstrando um alheamento em relação a temas políticos. O próprio reitor da UnB, professor Cristóvam Buarque, cansado de insistir com os alunos sobre a importância do debate sobre a Constituinte e não obter êxito, declarou publicamente sua opção pelo público externo, que responde com muito mais entusiasmo às promoções da UnB.

Com tanto descaso pelas eleições (que embora sejam as primeiras de Brasília e tenham uma especial importância porque serão escolhidos os deputados-constituintes), poderão haver muitos votos nulos ou brancos entre o eleitorado jovem? É difícil dizer até onde os jovens eleitores se sensibilizaram com a recente campanha pelo voto nulo. É verdade que alguns bares frequentados pela rapaziada de Brasília são redutos desta campanha. Mas, que importância tem o pequeno grupo de frequentadores destes ba-

res no vasto universo dos eleitores jovens do Distrito Federal, incluindo aí os das cidades-satélites? O contingente de votos nulos na eleição de 15 de novembro poderá ser significativo mas, não será um parâmetro preciso do voto nulo intencional pois muitos deles representam apenas as dificuldades que os eleitores analfabetos ou pouco informados terão para escolher seus candidatos numa célula tão complicada como a da eleição de Brasília.

Se não votar nulo ou em branco, em quem votará o eleitor jovem de Brasília? A preferência partidária favorece o PMDB. Na pesquisa feita na Universidade de Brasília, quando perguntados em que partido votariam, 15.6% declararam sua preferência pelo PMDB, vindo o PT em segundo lugar com 12.3%, o PFL em terceiro com 4.8% e o PDT em quarto com 3.6%. Na pesquisa da LPM para o Senado, que abrangeu todo o Distrito Federal, a diferença a favor do PMDB na faixa etária entre 18 e 25 anos é ainda mais acentuada. Este partido tem a preferência de 47.6% dos jovens, vindo o PFL em segundo lugar com 28%, o PSB surpreendentemente em terceiro com 13.3%, o PL de José Ornelas também surpreendentemente em quarto com 11.2% e o PT e PDT empatados em quinto lugar com 8.4%.

Esta mesma pesquisa perguntou a todos os eleitores, independentemente de sua escolha eleitoral, qual o partido mais simpático e o mais antipático. Entre os jovens de 18 a 25 anos, o PMDB ganha disparado como o partido mais simpático, com 62.2% das preferências, vindo o PT em segundo com 23.8% e o PFL em terceiro com 20.3%. Ou seja, a mocada acha o PT o segundo mais simpático mas, na hora de votar, opta por outro partido. Quando ao partido mais antipático, para esta faixa etária, aparece em primeiro lugar o PDS, com 22.4%, o PC em segundo com 19.6% e o PFL como o terceiro mais antipático, com 16.1%.

Todos estes números, entretanto, são apenas indicadores preliminares. Para onde irá o voto dos jovens eleitores em 15 de novembro, só as urnas dirão. Somente uma coisa é certa: o jovem, fora algumas exceções que só confirmam a regra, não parece muito envolvido com a política em geral, e muito menos com a política partidária de Brasília. Para os políticos, fica a política partidária, de Brasília. Para os políticos, fica a questão: os jovens se afastaram da política porque são alienados ou porque os atuais partidos não conseguiram sensibilizar a mocada?

Gonzaga Motta é professor da UnB